

Gritos do subsolo: a trajetória dos Sindicatos dos Mineiros do Carvão de Criciúma (SC) e do Ouro em Nova Lima (MG)

Screams from the underground: the trajectory of the Union's of the coal miners in Criciúma (SC) and gold in Nova Lima (MG)

Pedro Gabriel Viana de Souza¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar a formação das representações sindicais da classe trabalhadora mineira da extração do carvão em Criciúma (SC) e do ouro em Nova Lima (MG) e quais são as suas semelhanças e distinções. Para tal, serão utilizadas diversas produções acadêmicas que abordam o tema, assim como, em menor medida, publicações da sociedade da época, notícias e relatos que compõem as fontes documentais deste trabalho.

Palavras-chave: História de Santa Catarina; Trabalho nas minas; Trabalhismo; História de Minas Gerais; Mineração.

Abstract: This paper aims to analyze the formation of union representations of the mining working class from coal mining in Criciúma (SC) and gold in Nova Lima (MG) and what are their similarities and distinctions. To this end, several academic productions that address the theme will be used, as well as, to a lesser extent, publications from society at the time, news and reports that make up the documentary sources of this work.

Keywords: History of Santa Catarina; Work on mines; Laborism; History of Minas Gerais; Mining.

Introdução

A escolha do período abordado vai do início dos anos 1930 aos anos 1940, dado ser o momento de fomentação e início das atividades operárias organizadas em representações das localidades de Criciúma e Nova Lima. A abordagem do que seria a constituição política e social de um sindicato está inserida na própria temporalidade que o termo sugere, sendo trabalhado a partir das representações sindicais oficiais surgidas nos períodos já citados.² Já a escolha do tema recai sobre a importância singular que a mineração assume na formação histórica e econômica brasileira, bem como o papel de vitalidade na manutenção de inúmeros aspectos das sociedades industriais contemporâneas e os recentes crimes sócio-ambientais praticados pela atividade mineradora em território nacional, com infeliz destaque para os recentes rompimentos de barragens de contenção de resíduos decorrentes da extração de minério de ferro em Minas

¹ Aluno de Graduação do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: viana.pedrog@gmail.com

² Para melhor contextualização do sindicalismo no Brasil e suas transformações históricas ver: SANTANA, 1998, pp. 19-35.

Gerais que suscitaram importantíssimos debates na sociedade civil e se tornaram um foco de produção acadêmica. Como efeito prático dessas discussões, foi criado o curso de Ciências Socioambientais, na Universidade Federal de Minas Gerais, em 2010, que possui um vasto arcabouço teórico-conceitual, tendo como norte, a questão minerária e seus desdobramentos. A escolha das localidades de Nova Lima (MG) e de Criciúma (SC) no presente trabalho se dá no fato de serem as principais regiões produtoras de ouro e carvão mineral (respectivamente) no contexto nacional de fomento aos sindicatos de mineiros.

No caso da extração de ouro a sua importância recai mais sobre o valor financeiro agregado a tal *commodity* do que por sua importância técnica-industrial. Já no caso do carvão nota-se um movimento contrário: baixo valor de mercado, mas enorme importância técnica-industrial até a primeira metade do século XX. Entretanto, como já citado, neste trabalho o foco será na experiência dos homens e mulheres que estão na linha-de-frente da extração destes recursos e quais os percursos de suas representações sindicais no contexto de promoção de políticas públicas voltadas para a legislação trabalhista nacional, condensadas na chamada Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) encabeçadas pelas gestões presidenciais de Getúlio Vargas e o modelo econômico que se pretendia implantar.

Neste trabalho será feita uma divisão em três momentos: uma contextualização da questão do trabalho na mina de ouro de Morro Velho (MG), posteriormente uma mesma análise da extração de carvão da região de Criciúma (SC) e, ao final, um comparativo do componente trabalhista dentro do meio sindical das duas realidades a fim de concluir as semelhanças e diferenças nos dois casos e as transformações às quais estiveram envolvidas essa classe.

A Mina De Morro Velho: séculos de exploração da terra e dos trabalhadores

Tinha lá um chamado Capitão do Chapéu, um inglês. Ele só andava com o chapéu enterrado na cabeça, montado numa besta. Esse Capitão do Chapéu tinha uma besta que ele escolheu a mão, enorme. Um animal bonito. E ele andava com uma tala. Tala é uma espécie de cassetete de couro cru, para bater no animal. Machuca mesmo. Ele entrava com isso dentro da mina, de bota, vestido a caráter. E quando encontrava algum operário cochilando, por exemplo, ele metia a tala no operário. Batia mesmo. Era uma verdadeira escravidão. O camarada que reagisse, ele mandava embora direto, quando não mandava os capanga³.

3 Entrevista do ex-mineiro Waldir dos Santos, presente em: MAIA, 2014, p.1199.

A extração de minerais em larga escala em Minas Gerais se dá desde o século XVII e ainda hoje representa grande parte de tudo que é produzido naquele estado que, mesmo sendo possuidor de grandes polos industriais, tecnológicos e agroextrativistas, ainda vê na atividade mineradora um sustento vital para o modelo econômico daquelas terras. Isto é, claro, sem esquecer da importância econômica e estratégica nacional que as diversas jazidas minerais de MG têm para o Brasil e sua indústria. O caso particular do ouro é, em grande medida, responsável por toda uma mudança na dinâmica colonial da América Portuguesa e nas transformações globais que seriam desencadeadas pela extração deste metal na colônia portuguesa⁴. As reservas de minerais em Minas Gerais (atualmente com grande ênfase na exploração de ferro, manganês e pedras preciosas) fazem daquele um grande estado produtor de diversas *commodities* e dão a cara da paisagem montanhosa de grande parte da região na forma de minas (subterrâneas e a céu aberto) que, entre outras atividades, tornam possível afirmar que a classe trabalhadora e as próprias Minas Gerais possuem um coração de ouro mas um verdadeiro peito de ferro⁵. O poeta Carlos Drummond de Andrade, natural de Itabira, um dos polos de extração de ferro dentro do Quadrilátero Ferrífero, traduziria com maestria o sentimento carregado pela gente que habita aquela terra tão castigada pela mineração.

O Maior Trem do Mundo, de Carlos Drummond de Andrade

O maior trem do mundo
 Leva minha terra
 Para a Alemanha
 Leva minha terra
 Para o Canadá
 Leva minha terra
 Para o Japão

O maior trem do mundo
 Puxado por cinco locomotivas a óleo diesel
 Engatadas geminadas desembestadas
 Leva meu tempo, minha infância, minha vida
 Triturada em 163 vagões de minério e destruição
 O maior trem do mundo
 Transporta a coisa mínima do mundo
 Meu coração itabirano

Lá vai o trem maior do mundo
 Vai serpenteando, vai sumindo
 E um dia, eu sei não voltará

4 Para uma breve relação entre a exploração de ouro na América Portuguesa e a industrialização britânica ver: GALEANO, 2012. p.53-55.

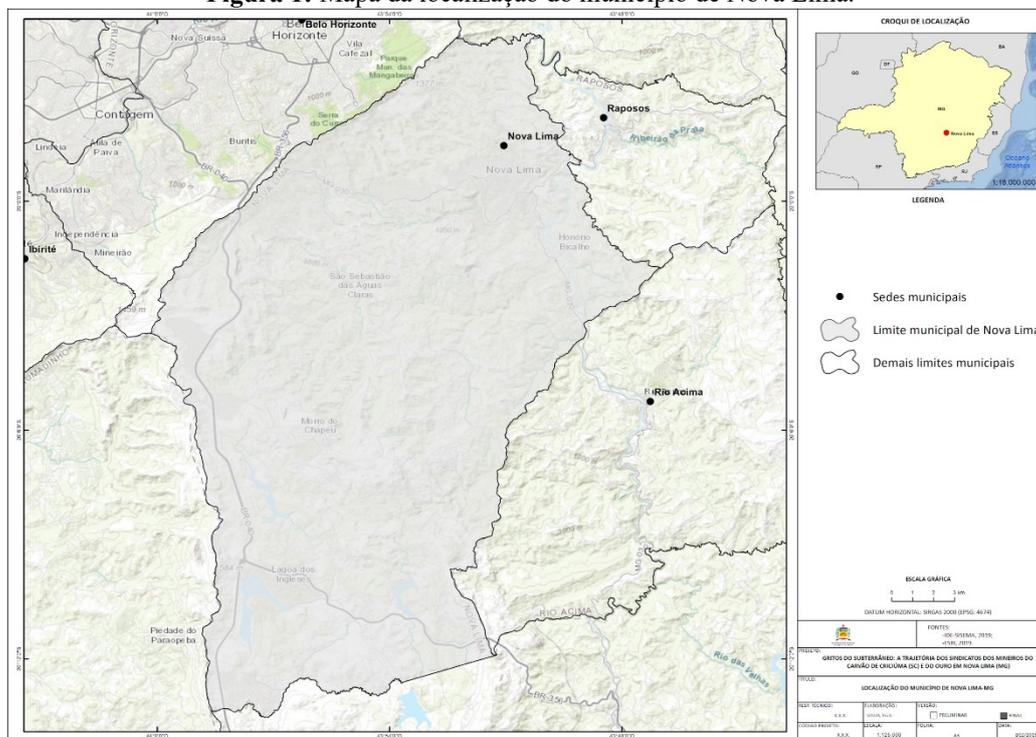
5 RUAS, 1950.



Pois nem terra nem coração existem mais⁶.

A Mina de Morro Velho se localiza no atual município de Nova Lima (ver figura 1) que conta com uma população estimada em 94.889 habitantes⁷ e se encontra na terceira região metropolitana mais populosa do Brasil, a de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais⁸. A barreira física entre Nova Lima e Belo Horizonte é a Serra do Curral (Nova Lima ocupa a porção leste do Curral, enquanto Belo Horizonte fica na parte oeste e se apropria da serra como símbolo da capital mineira), formação geológica riquíssima em ferro que compõe o complexo montanhoso da Serra do Espinhaço (a única formação montanhosa em território nacional que pode ser considerada uma cordilheira) que se estende do centro de Minas Gerais ao sul da Bahia. E é exatamente no complexo da Serra do Espinhaço que se encontra uma das maiores reservas de minério de ferro e manganês do mundo, o Quadrilátero Ferrífero, que dita a economia e o cotidiano de dezenas de cidades da região. Nesta área, a paisagem que se estende no horizonte tem sua marca principal em um contorno montanhoso que pode parecer um verdadeiro mar incrustado no meio de MG, bem longe do litoral, um “mar de morros”⁹ ao observador.

Figura 1: Mapa da localização do município de Nova Lima.



6 DRUMMOND DE ANDRADE, 1984.

7 IBGE, 2019a.

8 IBGE, 2016.

9 AB'SÁBER, 1970.

Entretanto, hoje este mar também pode ser confundido com uma paisagem lunar ou marciana, na qual a superfície se torna uma mescla de crateras profundas e vermelhas das inúmeras e gigantescas minas que expõem sob os golpes brutos do maquinário pesado e do suor humano, uma grande parte de todo o ferro consumido nacional e internacionalmente. E ao lado de cada uma dessas minas há também um filho renegado da mineração, as (famosas por amargura e tragédia) barragens de rejeito amplamente suscetíveis a rompimentos periódicos - um dos quais o autor teve a enorme infelicidade de presenciar pessoalmente, o de Brumadinho, em 2019, enquanto visitava a cidade no momento do rompimento da barragem da Mina do Córrego do Feijão. Nova Lima, juntamente com Mariana, Brumadinho, Itabira, entre outras, é uma dessas cidades-chave na exploração de ferro e já figurou nas primeiras páginas de jornais pela devastação humana e ambiental causada pela exploração ferrífera,¹⁰ e para sua maldição (e benção do capital estrangeiro), o município também possui grandes jazidas de ouro e é na extração deste valiosíssimo metal que este trabalho pretende focar. A exploração de ouro na região data de séculos atrás, quando da grande exploração aurífera das reservas de aluvião¹¹ do precioso metal em Minas Gerais. A Mina de Morro Velho, teve as suas atividades iniciadas em 1834 de forma sistemática, apesar de já possuir explorações por parte da população local desde o século XVIII e atualmente é o complexo de minas de ouro mais antigo e ainda em operação do mundo. Para compreendermos o início da exploração aurífera na região de Nova Lima devemos contextualizar como funcionava a exploração mineral no Brasil Imperial, à qual de Freitas e Souza (2012) nos ajuda a elucidar:

Ao contrário do que imagina o senso comum, Minas Gerais ainda guardava toneladas de ouro em seu subsolo no século XIX. No entanto, esta riqueza se encontrava nas jazidas primárias localizadas há metros, ou mesmo quilômetros, de profundidade, que o know-how português/africano do século anterior foi incapaz de atingir. [...] Na sequência, diversas minas abandonadas, mas ainda ricas, foram adquiridas por companhias estrangeiras, sobretudo inglesas. [...] Servindo-se de avultado capital, maquinário moderno, administração empresarial e grande contingente de trabalhadores, estas empresas impulsionaram o segundo rush do ouro na Província dourada. Este insulamento industrial em antigas localidades reanimou o setor extrativo e provocou profundas mudanças na situação tributária, econômica, ambiental, demográfica e de poder onde se fixaram. [...] Dentre estas empresas, destaca-

10 O último “acidente” registrado em Nova Lima envolveu a Companhia Vale S.A. e resultou na morte de cinco operários. Extraído de O TEMPO, Jornal. **Minas Já Sofreu com outros rompimentos de barragens**. Belo Horizonte, 2015. Disponível em <https://www.otempo.com.br/cidades/minas-ja-sofreu-com-outros-rompimentos-de-barragens-1.1159501> Acesso em 20/11/2019

11 Ouro de aluvião é aquele encontrado próximo à superfície ou pouquíssimos metros abaixo desta, geralmente em pequenos cursos de água. Muito comum em MG e GO durante a colonização portuguesa, suas principais reservas atualmente se encontram na região norte do país. Ver: PORTO, C. G.; PALERMO, N.; PIRES, F. R. M., 2002.



se a Saint John d'el Rei Mining Company, também conhecida como Mina de Morro Velho (situada na atual cidade de Nova Lima/MG). Adquirida pelos ingleses, em 1830, é considerada a maior, mais lucrativa e uma das mais longevas companhias auríferas estabelecidas em Minas Gerais. Foi, sem dúvida, um dos mais lucrativos empreendimentos ingleses na América Latina. Em meados do século XIX, chegou a empregar 2500 trabalhadores entre livres e escravos; nacionais e estrangeiros. Em 1917, atingiu a impressionante cifra de 3000 operário(a)s. Entre 1860 e 1893, extraiu 30.790,4 kg de ouro, equivalendo a 80,3% da extração aurífera de Minas Gerais no período¹².

De 1834 em diante a St. John d'el Rey Mining Company, Limited, operou com capital britânico, porém atualmente a companhia exploradora é sediada na África do Sul e seu capital provém de lá. Os britânicos trouxeram consigo trabalhadores da Cornualha especializados em mineração de subsolo, entretanto (e apesar da companhia ser britânica) a grande massa de trabalhadores durante o século XIX foi de escravizados¹³.

Em 1867, Richard Burton e sua esposa, Isabel, visitaram Morro Velho. Ela desceu dentro de uma caçamba até os recônditos escuros da mina. Nessas galerias, quase sem ar e com temperaturas altíssimas e muita umidade, os negros trabalhavam amarrados e dependurados por correntes, manejando alavancas. Lady Burton comparou Morro Velho ao inferno de Dante¹⁴.

Os investimentos britânicos em tecnologias de exploração foram altos, mas nada disso refletia em uma melhora na condição daqueles que desciam diariamente à mina. Os trabalhadores entraram no século XX sofrendo práticas de trabalho que, segundo os mesmos, se assemelhavam à escravidão¹⁵, apesar desta ter sido abolida oficialmente em 1888, conforme o depoimento trazido à tona por Maia: “Isso era a Morro Velho antes das leis trabalhistas de Getúlio Vargas. Até 34... era assim. Depois então, que organizados os sindicatos, as coisas mudaram, o trabalhador passou a ter direitos. Mas, antes disso, era uma verdadeira escravidão”¹⁶.

Na memória dos trabalhadores mais velhos, a legislação varguista teria garantido uma melhora substancial na qualidade de vida dos mineiros, entretanto, essa legislação não veio de “mão beijada”, senão foi fruto de imensa luta trabalhista. Os mineiros de Morro Velho se tornaram famosos nacionalmente por formarem uma consciência e prática políticas muito combativas durante todo o século XX, possuindo em suas fileiras militantes organizados em

12 FREITAS E SOUZA, 2012.

13 LIBBY, 1984. p. 271.

14 MAIA, 2014, p.1198.

15 GROSSI, 1981.

16 Op. cit. 2014. p. 1998

partidos comunistas (PCB e PCdoB)¹⁷. O seu sindicato foi organizado e oficializado em 13 de maio de 1934 e por cerca de duas décadas as suas demandas consistiram basicamente no cumprimento da legislação federal sobre o trabalho nas minas, no qual, até 1955 a companhia britânica negava-se a reconhecer todas as demandas trabalhistas e a se adequar às leis brasileiras. Um claro exemplo é posto por Maia:

Mesmo com toda a intimidação, mesmo contra a vontade da St. John Del Rey Mining Co., vê-se que, praticamente, todas as lutas passavam pela conquista de direitos já adquiridos com a legislação trabalhista. São exemplos: a própria luta contra a atitude da empresa de não reconhecer o sindicato e de se negar a receber seus representantes; a luta contra a burla da lei dos 2/3; pelo pagamento da taxa de insalubridade (19 de dezembro de 1938); pela melhoria de condições de higiene e trabalho nas minas; contra o excesso de horas de trabalho que atingia até 12 horas diárias; pela melhoria da técnica na produção das minas; contra o perigo de intoxicações na redução do minério; contra as perseguições aos operários ligados ao sindicato; pelo pagamento do descanso semanal; pelo pagamento do salário mínimo (também uma criação do governo Vargas); pelo direito de greve assegurado pela Constituição; pelo exame médico anual; pela criação da caixa de pensões (outra garantia da nova legislação trabalhista); pela fundação da cooperativa dos operários; pela instalação de restaurante dos operários; e pela regulamentação do horário de trabalho das turmas, no cumprimento da lei de seis horas de trabalho nas minas¹⁸.

Em 1940 a mina se tornou a mais profunda da época em todo o mundo, com 2453m de profundidade, o que debilitava ainda mais as condições de vida no subsolo dada a alta temperatura que os túneis atingiam e a dificuldade de se respirar. Além da silicose que atacava os pulmões de todos que tinham contato direto com os minérios, também havia o arsenicismo, que provoca úlceras, deformações e fortes dores nas articulações. Entretanto, o pior ainda seria relatado por um ex-mineiro de Morro Velho naquilo que os trabalhadores chamavam comumente de “cãibra”, mas que pode ser facilmente descrito como uma crise convulsiva:

Vencidos pela inclemência de uma atmosfera inabitável, onde só podem ficar impassíveis os seres inorgânicos, os miseráveis são violentamente atirados ao chão (pedra), por um indizível acesso nervoso, que lhes faz rebolcarem-se sobre o mineral, na mais horrorosa agitação convulsiva. Estes acessos tão célebres e comuns têm ali o nome de câimbra; mas essa palavra, câibra, não tem propriedade para significar a natureza do estado mórbido que querem designar com ela. Câibra, contração espasmódica dos nervos, não é bem o que ataca aos mineiros, em consequência do excesso de calor. O lastimoso estado mórbido que vitima os desgraçados escravos das minas de Morro Velho, que eu sofri, e vi sofrer a muitos dos meus irmãos de classe, não pode ser

17 COELHO, 2006.

18 MAIA, 2014, p.1210.



classificado de câimbra... porque essa classificação não traduz o horroroso aspecto do ataque que eu sofri, e vi sofrerem – pelo excesso de calor – a muitos companheiros de desgraça...¹⁹

Somente no fim da década de 1940 seriam implementadas melhorias substanciais na vida dos mineiros, como uma planta de refrigeração subterrânea, a substituição das candeias e lampiões por lanternas de pilha e a implementação de equipamentos de segurança individuais padronizados. O que não acabaria com a segregação espacial entre os trabalhadores brasileiros e todos os demais estrangeiros que exerciam funções na Mina de Morro Velho, onde, ainda hoje, são visíveis as marcas de separação entre a parte inglesa da cidade e o resto da população (atualmente em Nova Lima permanecem em pé as construções de verdadeiros bairros exclusivos aos estrangeiros, bem como outras localidades da cidade que fazem inúmeras menções aos ingleses que ali habitavam), o que jamais igualaria as condições entre um grupo e outro.²⁰ No entanto, considerado o tratamento hostil dado pela companhia frente ao sindicato, não se sabe se essas melhorias teriam sido apropriação e cumprimento das demandas do sindicato ou apenas um alinhamento à legislação vigente visando promover uma maior “vida útil” ao trabalhador. O que se pode concluir é que, enquanto pôde e da forma que pôde, a companhia britânica insistiu em descumprir todas as medidas possíveis previstas em lei e demandadas nos mais de 300 ofícios do sindicato que foram enviados à diretoria da empresa no somente no ano de 1939 e dos quais nenhum foi respondido²¹.

Os mineiros da região de Criciúma: do peleguismo ao enfrentamento

Já o caso da exploração de carvão no sul de Santa Catarina é um fenômeno mais recente, sendo marcado principalmente pelas mudanças econômicas impulsionadas no Brasil da primeira metade do século XX. Criciúma (ver figura 2) hoje conta com cerca de 215.186²² habitantes, sendo a principal cidade da sua micro-região e uma das principais da sua meso-região, o sul catarinense, juntamente com Tubarão e Araranguá.

Figura 2: Mapa da localização do município de Criciúma.

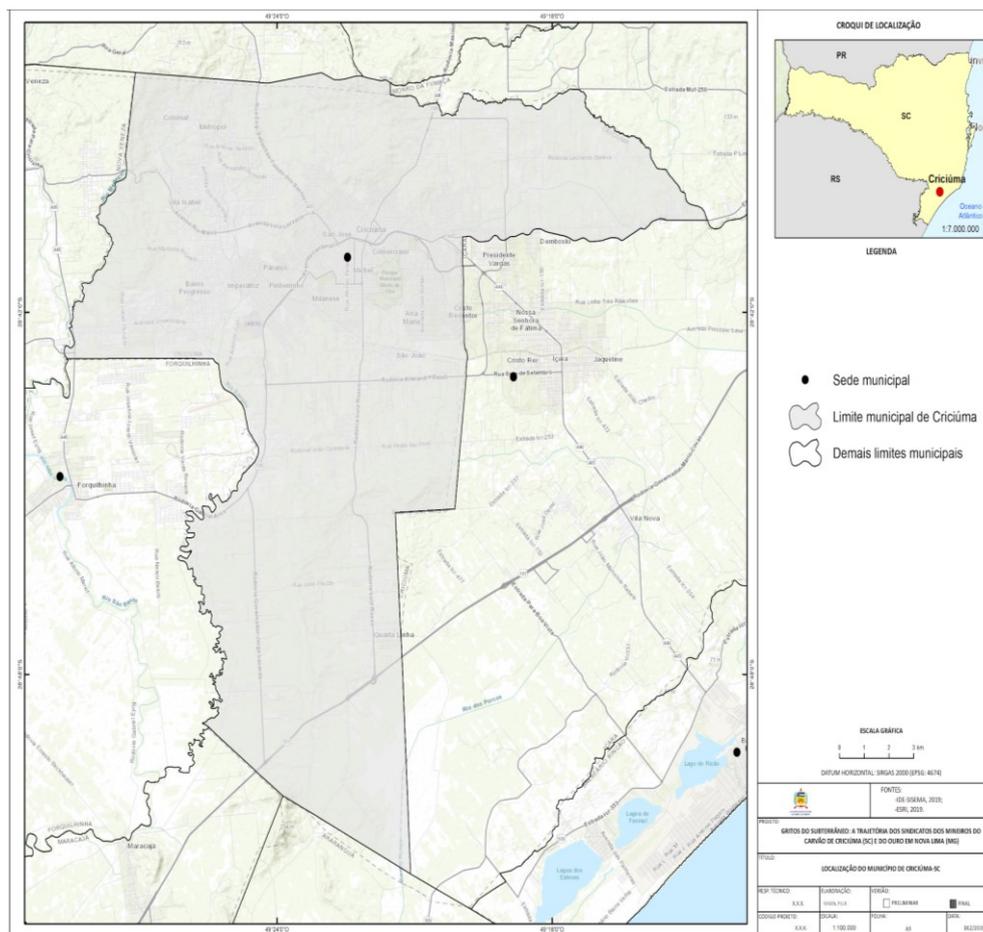
19 Ibid., p. 1209.

20 GIMMLER NETTO et al., 2013.

21 MAIA, 2008, p. 1210.

22 IBGE, 2019b.

Gritos do subsolo: a trajetória dos Sindicatos dos Mineiros do Carvão de Criciúma (SC) e do Ouro em Nova Lima (MG) - Pedro Gabriel Viana de Souza



Fonte: Elaboração do autor.

Conforme salientado por algumas pesquisas, havia desde o século XIX o conhecimento das reservas carboníferas do sul do Brasil, porém, foi somente a partir da década de 1930 que se iniciou sua exploração sistemática em larga-escala voltada a suprir as demandas nacionais. “A política de industrialização de Vargas garantiu um mercado ‘cativo’ para os mineradores. Já em junho de 1931, apenas sete meses à frente do governo ‘provisório’, Vargas decretou o consumo obrigatório de 10% de carvão nacional sobre quantidade importada”²³. A exploração carbonífera em Criciúma veio aliada à ideia de modernização nacional, uma vez que tal produção promoveria a industrialização da região e alimentaria a indústria nacional. Uma das lideranças da Revolução de 1930 para o sul catarinense diria, em entrevista a um jornal local:

[...] foi preciso a rajada salvadora da Revolução de 1930, para aparecerem os primeiros sintomas de uma vida nova no município (Criciúma)... Para que o Brasil tivesse sua independência concreta, positiva na ordem econômica, faltava unicamente a indústria do ferro e do aço, para que viesse completar a multiplicidade de recursos que constituem a riqueza do seu solo. Com a montagem das grandes usinas siderúrgicas e com o carvão que Criciúma

23 LEMOS, 2008 p. 10

fornecerá, ao redor de um milhão de toneladas por ano, o Brasil será, como é, indiscutivelmente o mais importante Estado do continente americano²⁴.

Porém esse entusiasmo nacional com o consumo de carvão mineral duraria pouco. Tendo sua produção aumentada em 510% entre 1929 e 1948, o carvão catarinense preencheria a lacuna deixada pelos principais países beligerantes durante a Segunda Guerra Mundial, mas logo ao fim do conflito já não havia compradores externos, o que levou à uma demissão de cerca de 40% da população diretamente envolvida na sua extração. Mesmo as diversas negociações do setor com o Estado brasileiro para que a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) comprasse a maior parte da produção se mostraram infrutíferas a longo-prazo dada a substituição do carvão como combustível pelos derivados do petróleo²⁵.

A trajetória dos mineiros de Criciúma é estreitamente ligada às políticas federais de promoção da extração de carvão, porém, a formação política e atuação sindical destes trabalhadores se destacou diversas vezes exatamente por ir contra não apenas às empresas de exploração da região, mas também contra a política governamental para o carvão. Até maio de 1945 os mineiros do carvão da região de Criciúma não contavam com representação sindical, apenas com uma associação de trabalhadores. Entretanto, a transformação de tal associação em sindicato foi uma decisão que partiu direto do Ministério do Trabalho no Rio de Janeiro, tendo o delegado regional do trabalho presidido a cerimônia de inauguração da nova representação sindical. Segundo Volpato: “Na ocasião, em discurso que proferiu, acentuou a importância da organização da categoria, para o fortalecimento próprio, mas principalmente para garantir a colaboração entre patrões e operários, que juntos trabalham para a grandeza da nação”²⁶. Para a autora este fato foi recebido com enorme desconfiança pelos trabalhadores. Por ter surgido sob o comando estatal e não de uma atuação espontânea dos trabalhadores organizados, o início das atividades sindicais foi marcado pela inexperiência dos trabalhadores e pela grande influência patronal no seguimento²⁷. “Os primeiros tempos foram difíceis; os trabalhadores estavam aprendendo. O primeiro presidente foi indicado pelos mineiros. Depois desse presidente, a classe patronal passou a indicar candidatos e conseguia elegê-los”²⁸.

24 Comentário de Ernesto Lacombe, empresário e político, extraído de LEMOS, 2008. p. 10.

25 Trecho do jornal Folha da Tarde, de Porto Alegre, de 25 de abril de 1949, extraído de: LEMOS, 2008. p. 10.

26 VOLPATO, 1982. p.217.

27 Ibid., p. 219.

28 Trecho de entrevista do ex-mineiro Manoel Ribeiro concedida a VOLPATO, p. 219.

Essa situação era, em muito, reflexo da política nacional conciliatória, marca do trabalhismo varguista. A diretoria do sindicato se viu cumprindo à risca a agenda governamental e patronal até 1957 quando, pela primeira vez, foram eleitos nomes não vinculados aos patrões

As diretorias dos sindicatos, desde sua fundação em 1945 até 1957, foram constituídas por "lideranças pelegas", afirmam os associados de então, hoje aposentados. Desde o início da década de 1950, cresciam as divergências entre os dirigentes e os trabalhadores. Estes não apoiavam a política patronal, cumprida pela direção do sindicato. O movimento trabalhista autêntico crescia, dificultando as lideranças oficiais do sindicato. [...] Em 15 de dezembro de 1957, procedeu-se à eleição para a diretoria do sindicato. [...] Pela primeira vez, as lideranças apontadas pelos trabalhadores saem vitoriosas nas eleições²⁹.

Até 1957 o alinhamento da diretoria do sindicato com a empresa era tamanho que os próprios trabalhadores não se viam representados pelo sindicato, fazendo deste apenas um instrumento simbólico e de ascensão na hierarquia da empresa, conforme relatado por um ex mineiro:

Desde a fundação do sindicato em 1945, até fins de 1957, estiveram na direção do sindicato só pelegos. Foi quando Antônio Parente assumiu a direção do sindicato e desbravou a luta de classes e mudou a imagem do sindicato. Um exemplo do peleguismo da época: em 1952, os mineiros fizeram uma greve; o presidente do sindicato, na viatura da polícia, ia dedando os líderes da greve. O pelego é aliado do patrão. Sai do sindicato e sobe na hierarquia da empresa. Até 1957 o operário pagou a taxa sindical obrigado, porque o sindicato era como se fosse do patrão. O sindicato era subsidiário da empresa. [...] Mas a organização do operário é um processo lento, porque o poder do patrão ameaça o trabalhador³⁰.

A mecanização da extração de carvão na região veio como uma política governamental logo após a Crise do Petróleo de 1973, como resposta a esta. Portanto, a extração, até então era toda feita de modo manual sendo que a mecanização do processo de extração na maioria das minas só se daria no decorrer da década de 1970, como ressalta Volpato, “os anos de 1975 a 1977 foram de implantação. Já em 1976 as Carboníferas Próspera e União Metropolitana estavam operando com equipamento mecanizado; em 1977 a Carbonífera Criciúma e, em seguida, a CBCA as seguiram”³¹.

29 Ibid., p. 219-220.

30 Depoimento do ex-mineiro Jorge Feliciano, extraído de VOLPATO, 1982. p.223-224.

31 Ibid., p.59-60



Após 1958 as demandas do sindicato poderiam ser resumidas em cinco pontos, segundo Volpato. As quais, recorrentes nos meios sindicais envolvidos na mineração no período de fundação do sindicato até a década de 1980 (a autora escreve em 1982), seriam:

As bandeiras de lutas levantadas pelo sindicato na época continuam sendo as frentes de militância sindical do momento. Representantes do sindicato levaram ao Plano Nacional' do Carvão, em 1958, entre outras, as reivindicações: 1) garantias e fiscalização sobre as empresas, em relação à higiene e segurança no trabalho; 2) salário insalubridade; 3) lei de amparo ao trabalhador menor; 4) aproveitamento pelas empresas dos operários incapacitados para o subsolo, na superfície, sem redução dos salários; 5) refeitório nas embarcações das minas, dentro das normas do SAPS ; 6) fornecimento de luz nas vilas operárias. As reivindicações constantes nos itens 1, 4 e 5, continuam sendo bandeiras de luta da categoria, na atualidade. Principalmente a questão que atinge o mineiro incapacitado para o subsolo, por doença³².

Conclui-se que, mesmo transpassadas décadas de extração do carvão do solo da região de Criciúma e após intensa atuação sindical, as pautas dos trabalhadores permaneceram as mesmas, sugerindo uma certa dificuldade em fazer com que as companhias responsáveis cumprissem as demandas da classe, apesar das representações sindicais locais terem dado uma guinada clara na direção do enfrentamento. Tal dinâmica evidencia o jogo de idas e vindas, barganhas, avanços e retrocessos que marcam as negociações entre patrões e trabalhadores dentro da vida social nacional.

Conclusões

Nestes dois contextos de exploração mineral em regiões geológicas tão distintas, a composição das práticas políticas da classe mineira apresentava semelhanças uma vez que se trata de ambientes de trabalho similares (minas subterrâneas), dado, é claro, as diferenças culturais, étnicas e ambientais de cada localidade. As pautas que uniriam a classe mineira de Morro Velho e de Criciúma eram pautas comuns às representações sindicais que floresciam nesse setor. As principais reivindicações eram sobre a regulamentação da jornada de trabalho e diminuição das horas semanais, auxílios voltados à saúde dos operários (sempre muito frágeis), melhoria das condições de trabalho dentro das minas e assistência aos trabalhadores já retirados do serviço por idade, problemas de saúde ou acidentados.

32 Ibid., p.224.

Considerando as condições de trabalho, não há semelhante relato de tamanha brutalidade no trato daqueles que realizavam a extração do carvão na região de Criciúma (SC) como os de Morro Velho em Nova Lima (MG) expressos nas entrevistas com ex mineiros citadas neste trabalho, mas também não há indicativo de que fosse, de alguma maneira, distinto antes da regulamentação (e sua efetiva consolidação) do trabalho neste setor econômico. Neste contexto as duas representações sindicais surgem no mesmo período político de tentativa de substituição do modelo agroextrativista para um fortalecimento da indústria e, conseqüentemente, da mineração que alimentaria toda a planta industrial nacional. Mesmo com a representação sindical de Criciúma tendo se mostrado mais tardia no enfrentamento à política oficial e ao patronato estabelecido, ambos os sindicatos são exemplos de resistência da classe trabalhadora frente à exploração e deterioração do trabalho ao qual aquelas pessoas estavam submetidas, constituindo importantes núcleos de consciência e prática política visando a transformação desta dura, mas não incomum, realidade brasileira.

Ainda no presente momento no qual este trabalho é escrito, são inúmeras as notícias de violações das leis trabalhistas ou a frouxidão destas no trabalho de extração e processamento realizado nas milhares de minas espalhadas pelo território nacional (excluídos os incontáveis garimpos, legais ou ilegais), demonstrando que a vida das pessoas que se arriscam escavando a terra para garantir a sua sobrevivência continua sendo diariamente colocada à prova. Estas evidências encontram seu ápice nos últimos rompimentos de barragens de rejeitos de minério de ferro, a primeira em Mariana e a segunda em Brumadinho, ambas em MG, nas quais centenas de vidas humanas foram ceifadas, sem citar o inestimável dano ambiental ocorrido, o que demonstra uma grande falha (proposital ou não) das empresas mineradoras na manutenção da própria vida em nome de um sistema extrativista que tem seu foco no ganho material de uns poucos acionistas. Aos mineiros e às populações locais ficam as moléstias (algumas delas citadas neste trabalho), a manutenção da pobreza e as avalanches de escombros e lama venenosa. A situação daqueles que tiram seu sustento da mineração, longe de ser confortável, apesar dos ganhos substanciais das últimas décadas e do desenvolvimento tecnológico, pode ser brevemente resumida na poesia de Iara Almansa de Carvalho, moradora de Criciúma.

Poema Corpo Operário, de Iara Almansa de Carvalho

CORPO GASTO,
mutilado,
cansado,
esquálido,
retesado:



ser curvado. (...)
 CORPO USADO,
 encarquilhado,
 enferrujado,
 ultrajado,
 humilhado,
 encardido,
 defasado:
 mal cuidado. (...)
 CORPO MORTO,
 (...) inerte,
 inútil,
 entregue,
 enternecido,
 imprestável,
 vencido,
 consumido,
 dispensado,
 apaziguado:
 LIBERTO³³

Referências

AB'SÁBER, A. N. **Províncias geológicas e domínios morfoclimáticos no Brasil**. Geomorfologia, São Paulo, n. 20, p. 1-26, 1970. [Parte deste artigo é a republicação do artigo Domínios morfoclimáticos e províncias fitogeográficas no Brasil. Orientação, São Paulo, n. 3, p. 45-48, 1967].

ANDRADE, Antônio Luís de. **Das entranhas da terra: disciplinamento, resistência e luta / breve história sobre a educação e cultura dos trabalhadores da mineração de ouro em Nova Lima**. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP : [s.n.], 2001.

ALMANSA DE CARVALHO, Iara. **Corpo Operário**. OAB-SC. Florianópolis, 2000.

COELHO, Victor. de O. P. O ardil anticomunista – estudo de caso (1948-1949). **História Social**, Campinas, 2006, p. 91-113.

DELGADO, Raimundo Tarcísio. **Tatuagens na Alma – 1964: A Saga dos Mineiros da Mina Morro Velho de Nova Lima**. Belo Horizonte, Mandamentos Editora, 2009.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. **O Maior Trem do Mundo**. Jornal “O Correio Itabirano”. Itabira, 1984. Disponível em <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/brumadinho-conheca-historia-por-tras-de-poema-em-que-drummond-critica-vale-23410546> Acesso em 22/11/2019

EAKIN, Marshall C. **British enterprise In Brazil: The St. John d'el Rey Mining Company and the Morro Velho Gold Mine, 1830-1960**. Durham and London: Duke University Press, 1989

33 ALMANSA DE CARVALHO, 2000. Poesia vencedora do Concurso Poesia de Advogados promovido pela OAB-SC em 2000.

FREITAS E SOUZA, Rafael de. **Representação contra o diretor da Saint John D'el Rey Mining Company Limited (Morro Velho) 1861**. Varia História, vol.28, núm.47, enero-junio, Belo Horizonte, 2012. p. 423-437.

GALEANO, Eduardo H., **As veias abertas da América Latina**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012. p.53-55.

GIMMLER NETTO, Maria Manoela; MONTEIRO SILVA, Natália; AMARAL, Rubens do; RODRIGUES, Angélica Miranda; PEREIRA COSTA, Stael de Alvarenga. **A Desapropriação cultural da influência inglesa, Refletida nas transformações da paisagem urbana da sede do município de Nova Lima-MG**. FORUM PATRIMONIO: ambiente Construído e Patrimônio Sustentável Belo Horizonte, v.6, n.1, jan. / jul. 2013.

GONTARSKI SPERANZA, Clarice. **Os mineiros e o trabalho em mineração: experiências, lutas e identidades**. Revista Mundos do Trabalho, vol. 7, n. 14 julho-dezembro de 2015.

GROSSI, Yonne de Souza. **Mina de Morro Velho: a extração do homem – uma história de experiência operária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1981.

GROSSI, Yonne de Souza. **Movimento operário na mina de Morro Velho: política e classe**. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 1981.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Nova Lima (MG)**. Cidades. Rio de Janeiro. 2019a. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/nova-lima/panorama> Acesso em 22/11/2019.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Criciúma (SC)**. Cidades. Rio de Janeiro. 2019b. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/criciuma/panorama> Acesso em 22/11/2019.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **IBGE Divulga as estimativas populacionais dos municípios em 2016**. Agência IBGE Notícias. Rio de Janeiro. Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/9497-ibge-divulga-as-estimativas-populacionais-dos-municipios-em-2016> Acesso em 22/11/2019.

LIBBY, Douglas C. **Trabalho Escravo e Capital Estrangeiro no Brasil – o caso de Morro Velho**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

MAIA, Andréa Casa Nova. **Outro inferno de Dante: numa mina de ouro na época de Vargas: Nova Lima, Minas Gerais. História, Ciências, Saúde–Manguinhos**. Rio de Janeiro, v.21, n.4, out.-dez. 2014, p.1197-1214.

OLIVEIRA, Natalia. **Minas Já Sofreu com outros rompimentos de barragens**. O TEMPO, Jornal. Belo Horizonte, 2015 <https://www.otempo.com.br/cidades/minas-ja-sofreu-com-outros-rompimentos-de-barragens-1.1159501> Acesso em 20/11/2019.



Gritos do subsolo: a trajetória dos Sindicatos dos Mineiros do Carvão de Criciúma (SC) e do Ouro em Nova Lima (MG) - Pedro Gabriel Viana de Souza

LEMOS, Gustavo Perez. **Mineiros e Sindicalistas na Cidade do Carvão: Criciúma, 1952-1964.** Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

PORTO, C. G.; PALERMO, N.; PIRES, F. R. M. **Panorama da exploração e produção do ouro no Brasil.** In: Extração de ouro: princípios, tecnologia e meio ambiente. Cap.1. Rio de Janeiro: CETEM/MCT, 2002. p.1-22.

RUAS, Eponina. **Ouro Preto: Sua história, seus templos e monumentos.** Rio de Janeiro, 1950.

SANTANA, Marco Aurélio. **Dossiê Sindicalismo e Corporativismo, O “Novo” e o “Velho” sindicalismo:** Análise de um Debate. Revista de Sociologia e Política, Curitiba, 10/11, 1998, pp. 19-35.

VOLPATO, Terezinha Gascho. **Os Trabalhadores do Carvão: A vida e luta dos mineiros do carvão.** São Paulo, 1989.

Recebido em 09 de maio de 2019.

Aceito para publicação em 01 de setembro de 2020.

